

# Relevo



Por  
VICTOR FOLQUENING

# Editorial

## A Aprendizagem e emoção

Quando começou a ser publicada a seção **Frio na Espinha**, com histórias de assombração ambientadas na região de Campina Grande do Sul, em maio de 2011, o Jornal União colocou para funcionar, sem ter ideia da amplitude, um incrível movimento de aprendizagem inovadora entre as escolas do município.

A criatividade, talento e dedicação de professores da rede de ensino fez do mero divertimento uma ferramenta não só de aprendizagem, mas também de valorização da cultura regional, senso de comunidade, construção da identidade e aproximação com as famílias dos alunos.

Na escola João Assunção, no bairro rural da Jaguatirica, os alunos do ensino fundamental criaram uma verdadeira mitologia a partir de um cemitério de bebês não batizados construído há quase um século no local. A professora Noili dos Reis Silveira se surpreendeu: "Todos os dias, as crianças desenvolviam novas narrativas inspiradas na lenda".

Na também rural Escola Nilce Terezinha Zanetti, no bairro Terra Boa, um concurso de ilustrações para os contos do Frio na Espinha não foi a única atividade empreendida pelos alunos da 4ª série. Toda a programação do mês do folclore foi inspirada na série. "Sempre baseamos nossas atividades em figuras tradicionais do folclore. A partir dessa série chegamos à conclusão que deveríamos criar o nosso próprio folclore, pois isso é uma coisa viva, em constante transformação", conta a professora Ivone Simioni Polli.

Na Escola Santa Letícia, crianças da 2ª e 4ª séries produziram as próprias histórias, como a que a professora Maria Queli Sgoda mandou para o jornal e foi adaptada para a novela do pote de ouro: "Publicar em capítulos foi uma ótima ideia, pois cria ainda

mais amor pela leitura, pela expectativa de ler".

Outra experiência foi ainda mais marcante. Por puro acidente, um vídeo acabou na mesa do Jornal União: tratava-se do registro de uma performance teatral. Nicole, com apenas 10 anos, interpretava com recursos expressivos, usando apenas o corpo e a voz, o primeiro conto publicado na seção Frio na Espinha: *Respiração misteriosa no Mandasaia*.

Nicole cumpre hoje, 16 de dezembro, o último dia como aluna do ensino fundamental na Antônio José de Carvalho, do Jardim Cecon, uma escola fundada em 1918. A Antônio José chegou a amargar o título de pior escola do município, conforme o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb). Dois anos depois, graças ao esforço das professoras – que, entre outras ações, aproximaram os pais do cotidiano da instituição – consagrou-se, pelo mesmo índice, a melhor escola de Campina Grande do Sul.

Ao visitar a escola, a equipe do Jornal União descobriu que muitos alunos acompanhavam a série Frio na Espinha com interesse fervoroso. Um deles, Joacir, estava particularmente interessado em alienígenas e suas técnicas de roubar a pele dos humanos. Foi a partir de uma conversa de cinco minutos com ele que surgiu a ideia da novela "Reconheça pela Letra", primeira história longa publicada em forma de folhetim pelo jornal. Foi um risco: será que os leitores teriam paciência para acompanhar um enredo nesse formato histórico, mas infelizmente esquecido pelo jornais impressos brasileiros?

A resposta foi mais do que surpreendente. "Reconheça pela letra" foi escrito com a pretensão de ser divertido como literatura, mas também de servir como suporte para aprendizagem de arte, lógica, geografia, história, economia etc. Na verdade, a novela é uma aplicação prática de um conceito desenvolvido pelo autor no seu doutorado



Victor Folquening

em Ciências da Comunicação: o "contrabando" de ideias em ambientes inusitados. Pois bem: os alunos da Antônio José acompanharam, ansiosos, cada capítulo do enredo, sem se acomodar no papel de leitores passivos.

A supervisora pedagógica Rita Lima monitorou o movimento: "A cada semana novas pistas eram descobertas e com muita leitura e investigação o quebra-cabeças ia se encaixando. As crianças observavam atentamente cada funcionário da escola, tentando descobrir segredos ocultos. Apareceram objetos estranhos na frente da escola, como um sapato sem dono conhecido, e até uma chupeta de bebê, ou mesmo uma cabra morta nas proximidades, conforme citava uma edição do texto. Já vínhamos desde o início do ano desenvolvendo um trabalho com o Frio na Espinha, mas isso se intensificou quando a matéria publicada envolvia nossa escola".

A mensagem final de "Reconheça pela Letra" foi motivo de celebração emocionante na última semana de aulas. Sem querer estragar a resolução da trama, adiantamos trecho de uma das 30 cartas que os alunos da quarta série do Antônio José, sob a liderança da professora Débora Cecon, escreveram e acomodaram em misteriosos envelopes azuis destinados ao futuro: "É preciso ter respeito pelos semelhantes e pensamento próprio para que a gente se torne pessoas melhores": Rafaela Odema, 10 anos.

Nossos parabéns e gratidão às professoras Simone, Rita e Débora e aos alunos Ariele, Carla, Carolyne, Caroline, Daniel, Ediclei, Everson, Gabriel, Gelson, Grazielle, Greici, Guilherme, Gustavo, Igor, Jacson, Jhenifer, Joacir, Joice, Luana, Lucas, Maria Eduarda, Maria Vitória, Myllene, Nataliy, Nicole, Niccolas, Pamela, Rafaela, Samara Maraisa, Wessley e Mariel - a turma que saiu do Antônio José para tornar o mundo melhor com exemplos de criatividade, pensamento

## Expediente

Relevo/Jornal União Especial Reconheça pela Letra. 16 de dezembro de 2011.

jornalrelevo@gmail.com

twitter.com/ @jornalrelevo / @uniaocgs / @victorfolq facebook.com/jornalrelevo

Publicado por Publique Editoração de Jornais S/C Ltda. 041 3676 1532

**Edição:** Daniel Zanella (repórter com o estranho hábito de distribuir envelopes azuis) e Victor Folquening (ex-aluno da Escola Municipal Dr. Raul Pinheiro Machado).

História criada e desenvolvida por Victor Folquening.

**Capa e ilustração dos personagens principais:** Alberto Benett (ex-aluno da Escola Municipal Dr. Raul Pinheiro Machado).

**Demais ilustrações:** Afonso Campos Rocha e Diego Lopes (respectivamente, aluno e ex-aluno da Escola Municipal Antônio José de Carvalho).

**Fotografia:** Brayan Giacomitti (também responsável pela guarda de uma certa criatura).

**Projeto gráfico da edição especial:** Daniel Zanella.

**Projeto gráfico das páginas originais:** Brayan Giacomitti e Diego Hathy.

**Diretor do Relevo:** Daniel Zanella/ **Diretor do Jornal União:** Elízio Siqueira Jr.

**Jornalista responsável:** Victor Folquening, DRT: 3411/13/25.

**Tiragem:** 2500

**Gráfica:** Folha de Londrina

# Jornal União



# RECONHEÇA PELA LETRA

## Parte I

Por Victor Folquening

**A**os dez anos, Alberto descobriu como a escola pode ser perigosa. E não tinha nada a ver com brigas, drogas ou professores malvados... quer dizer, com professores malvados até que tinha. Exceto que não estamos falando exatamente de professores.

Ele não foi o único do Colégio Municipal Raul Pinheiro Machado, no bairro Santa Paula, lá em Ponta Grossa, a desconfiar da nova professora da quarta série. Soraia era o nome dela. Chegou em uma segunda-feira, no segundo bimestre, para substituir a professora Raquel, que morreu atropelada quando voltava para casa depois da aula. Imediatamente conquistou todo mundo. Em três dias, já sabia o nome de todos os alunos. Era tão esperta que mantinha na linha até os mais medonhos, como a Jaqueline, o Cleverson e o Garcia.

- De longe, a melhor professora que já tive!, disse o normalmente reservado Garcia, famoso por quebrar os vidros, gazar aula e bater nos alunos da primeira série.

O primeiro final de semana foi cheio de expectativa - a professora prometera mostrar um animal de estimação muito estranho na segunda-feira: um lagarto! Mas tudo mudou. No domingo à noite, Alberto foi convencido pela avó a levar uma torta de banana de presente para Soraia, na casa que ela alugou pertinho da escola. Embora as luzes estivessem todas acesas, ninguém atendeu. Só um ruído estranho lá

dentro. A Alberto parecia que a TV respondia alguma coisa para alguém incapaz de pronunciar mais do que sibilos. Quando espiou pela fresta da cortina, na janela da sala, viu o couro verde e viscoso de um lagarto passando por um corredor. O coração disparou porque ele jurava que tinha visto o lagarto FALAR algo para a TV.

Saiu em disparada. A avó achou a história toda uma besteira e restou deixar para lá e se refestelar de torta de banana, até quase ficar com dor de barriga. O dia seguinte foi muito, muito estranho.

A partir daquela manhã, a professora Soraia mudou. Não levou o tal lagarto, o que fez a piada achar que a existência do bicho era conversa fiada. Agora ela parecia indiferente aos alunos. Jaqueline, Cleverson e Garcia voltaram a ser os bagunceiros de sempre. Pior, ela já nem lembrava mais o nome dos alunos, chamando-os de "você" ou "aquele ali".

Outros funcionários do colégio também estranharam a súbita mudança de comportamento de Soraia. Teve quem disse: "É sempre assim. Na primeira semana, todo mundo é gente boa. Depois é que mostram a verdadeira face!"

Num recreio, Garcia foi falar com Alberto, que deu um pulo para o lado. Naquele ano, Alberto já havia apanhado umas três ou quatro vezes do inimigo número um da escola. "Ei, espere aí, dentuço", disse calmamente Garcia. "Eu sei o que você está pensando". Alberto demorou para entender, mas um gesto de cabeça do colega em direção a Soraia, que passava pela calçada da diretoria, naquele momento, foi o suficiente para estabelecer a cumplicidade. Alberto falou

do assunto pela primeira vez: - Ela é a mulher mais estranha que já vi. Como alguém pode mudar tanto de um dia para o outro?

- Minha mãe disse que ela tem um problema na cabeça... diz que ela é bifocal.

- Ahahahaah! Bipolar! Garcia deu um cascudo em Alberto e soltou um "tanto faz". Em outras épocas, a gozação seria motivo para um encontro nada agradável na saída. Mas o garoto confessou que estava sem dormir. Vizinho de Soraia, ouvia sons muito estranhos na casa ao lado. Quando a mãe falou que a professora poderia ser bipolar, do tipo que muda de humor repentinamente, Garcia fez uma associação maluca com os psicopatas dos

filmes que assistia escondido de madrugada. Alberto tinha outra teoria:

- E se ela estiver possuída pelo diabo?

Ele achava que tudo tinha a ver com o chifruído. Código de barras nos produtos? Mensagens do demônio. Desenho japonês? Instruções em código para o exército de Satanás. Sertanejo universitário? Hino de guerra do Capeta!

- Vamos até a casa dela agora? Não precisou sugerir duas vezes. Ao mesmo tempo com medo e morrendo de curiosidade (a sensação mais legal do mundo), a dupla saiu furtivamente em direção aos fundos da escola e, sem nenhum trabalho, atravessou o vão da grade ocultado por uma moita. Garcia não parava de falar que encontrariam restos de canibalismo no porão da casa. Alberto não tirava da cabeça que haveria um altar para Lúcifer com fotos de Bruno e Marrone.

A porta dos fundos da casa



Diego Lopes

da professora estava aberta! Garcia nem precisou tirar de sua horrorosa pochete azul o canivete que usava para destravar o segredo das fechaduras. Pareceu uma enorme burrice: como alguém não tranca a casa na Santa Paula? É que não se tratava de negligência. Era uma armadilha. Andaram pé sobre pé pela sala, igual a todas as outras, com aquela mesa de fórmica no meio. Na estante não havia porta-retratos. Só livros.

Alberto chegou perto e percebeu que

eram todos iguais, amarelos, escritos em uma língua que não conhecia e com o mesmo título: VENT UAT VENT UAR SGAPA. Só um livro era diferente. Marrom, bem velho, chamado "Superficialidade, Preconceito e Preguiça Mental". Quando virou para comentar com Garcia, percebeu que estava sozinho. Antes de sair à procura do parceiro, notou um envelope azul no meio da mesa de fórmica. Não resistiu. Dentro, havia apenas um cartão branco com quatro linhas de texto nele:

**CRIANÇAS: J  
ADULTOS: S  
NOVONÚCLEO: ESCOLA A.  
J.C./J.C./C.G.S./PARANÁ/**

No exato momento em que Alberto tentava decifrar o significado das letras, a TV atrás dele ligou sozinha! O menino deu um grito: "Ai, meu Deus!". A imagem estava completamente distorcida e o som parecia um grunhido. Foi quando o garoto escutou passos pesados e lentos vindos do corredor que levava aos quartos da

casa. Pensou em chamar por Garcia, mas estava convicto de que não era ele quem se aproximava. Era como se os pés grudassem no chão, estalando ao levantar. Tremendo, escondeu-se atrás de um sofá.

O som dos passos aumentava até que parou repentinamente. Atrás da poltrona, sabia que alguém ou alguma coisa estava a poucos centímetros.

A televisão voltou a emitir sons estranhos. Dessa vez, houve uma espécie de resposta, um barulho assobiado, nasal, como se explicasse alguma coisa. Alberto percebeu então que havia um vidro na estante da frente. Moveu-se um pouco para o lado e, para seu desespero, conseguiu ver o reflexo do que estava acontecendo naquela sala.

Na frente da TV, um enorme lagarto olhava fixamente para a tela. Murmurava e movia a cabeça viscosa, cheia de manchas, à medida que parecia ouvir o que o aparelho dizia. A luz que vinha do tubo mostrava que algo se movia dentro da barriga do réptil. Era como se alguma coisa se debatesse dentro dele. Alberto chorava de medo em silêncio. A TV desligou sozinha.

Pelo vidro, notou o lagarto se

afastando, sumindo na escuridão do corredor. Reuniu todas as forças para sair correndo, mas, no caminho, parou em frente a uma poça de baba e sangue. No meio dela, uma pochete azul.

Seus avós não estavam em casa. Iriam ficar até tarde na igreja. Isso deu tempo para Alberto refletir sobre o que havia visto e decidir que era melhor não contar sobre as últimas horas para a família. Precisava ver

horas falando sem parar sobre como as notícias são feitas. A professora saiu da sala e ninguém mais a viu até o final da manhã. Em um certo momento, Daniel disse:

- Às vezes, os jornais servem para que pessoas muito bem treinadas descubram ações perigosas, que o resto do mundo nem desconfia que

existem, acontecendo por aí. Nós, os repórteres, somos os únicos que ouvimos histórias que os outros acham loucura. Mas nem sempre é loucura.

Aquela altura, quase nenhum aluno estava prestando atenção. Mas Alberto estava. E Daniel olhou bem para ele quando disse aquelas pala-

avras. Assim que a palestra terminou, perto do recreio, Suzana, a supervisora que chegara pouco antes, acompanhou o palestrante até a porta. Alberto foi até lá e perguntou se poderia ir com o repórter até o pátio. "Você deve", ele respondeu.

- Ah, professora, sabe porque o Garcia não veio hoje?, aproveitou para perguntar.

- O nome dele é Jair, Alberto. Não chame seus colegas pelo sobrenome... E ele não vem mais. A família se mudou lá para Campina Grande do Sul - que coincidência, né, seu Daniel? Só ligaram hoje cedinho avisando.

- Como é? Quando mudaram?

- Ontem à tarde. A mãe veio buscar ele na hora do intervalo.

A professora Suzana estava mentindo descaradamente! Atônito, Alberto foi acompanhando Daniel com a cabeça lotada de maquinações. No meio do caminho, quando estavam sozinhos, o suposto repórter disse:

- Eu sei que você esteve lá. Não posso explicar nada, mas saiba que eles têm uma forma de se organizar.

- Eles quem?

- Como roubam a pele das pessoas para confundir os humanos, precisam de um código.

- Eles quem? Eles quem?

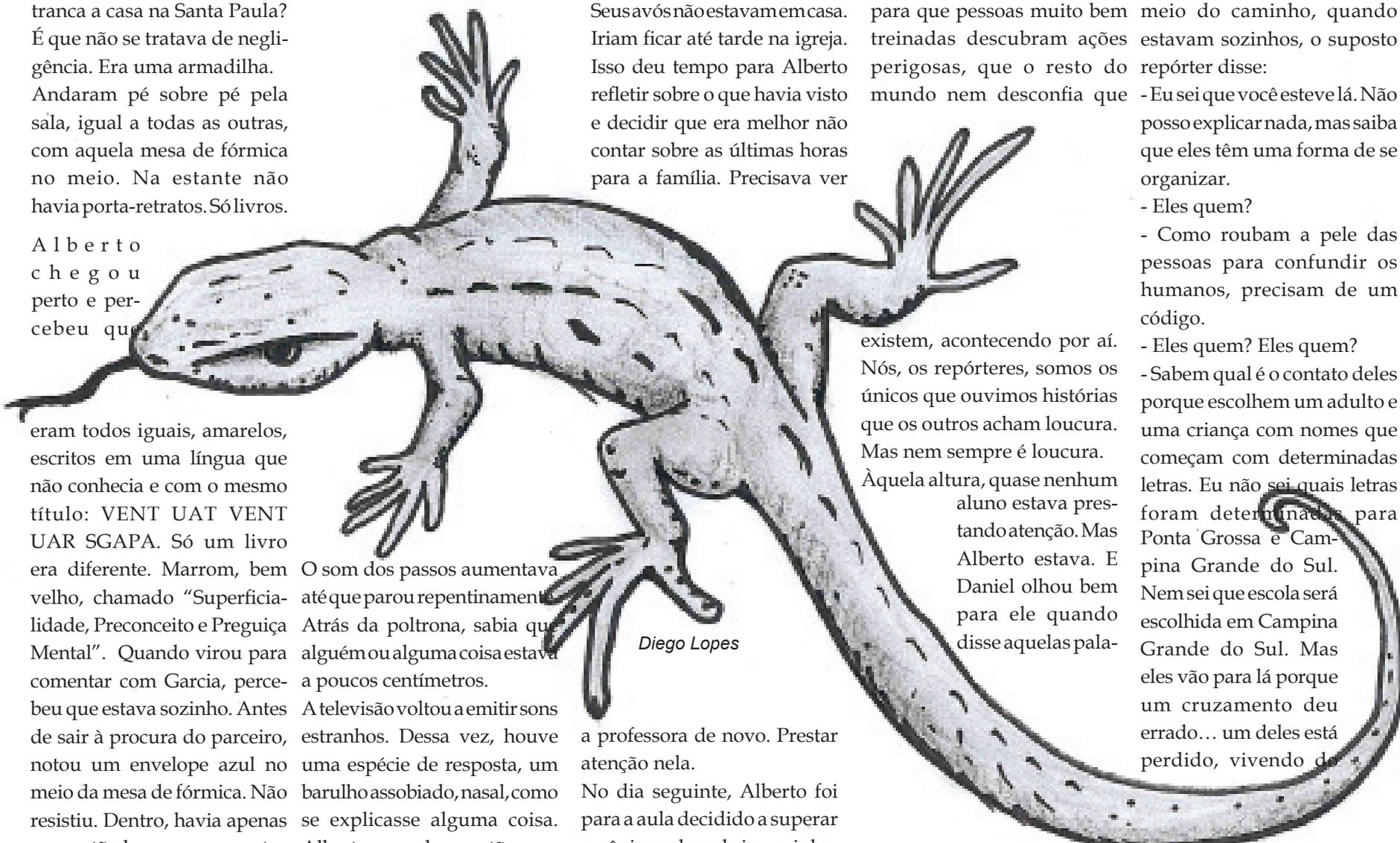
- Sabem qual é o contato deles porque escolhem um adulto e uma criança com nomes que começam com determinadas letras. Eu não sei quais letras foram determinadas para Ponta Grossa e Campina Grande do Sul. Nem sei que escola será escolhida em Campina Grande do Sul. Mas eles vão para lá porque um cruzamento deu errado... um deles está perdido, vivendo do

sangue de bodes e cabras, se escondendo no mato...

- Quem você é? Quem são "eles"?

Daniel apenas fez sinal para que Alberto ficasse em silêncio. Entrou em um Gol bordô que estava estacionado no pátio, e se foi. Não conseguiu dizer nada, nem mesmo que havia encontrado aquele bilhete na casa da professora Soraia.

Alberto só sabia que daria um jeito de ir a Campina Grande do Sul e descobrir o que significava A. J. C. J. C. O resto da sigla ele já tinha adivinhado. As crianças e professoras de alguma escola corriam sério risco por lá. E, pelo jeito, as cabras também.



Diego Lopes

## Parte II

Alberto tirou o mapa da parede, quase indistinto das outras dezenas de pôsteres e cartolinhas, e esticou sobre a mesa cambaia. Emanuel já acostumara a apoiar os braços no tampo para firmar a mesa. Estava entediado, olhando para o buraco na vidraça que ele mesmo tinha feito com um esfregão. “Nunca vão trocar isso?”, pensou. Mas os bocejos duraram poucos segundos.

- Campina Grande do Sul. Dá uns 140 quilômetros daqui. Se a gente pegar a carona certa, descemos nesse lugar. Olhe. Desse lado é Quatro Barras, desse é Campina Grande do Sul.

- O que vamos fazer lá?

- Vamos encontrar lagartos nojentos que conversam com a televisão e que matam e tomam o corpo das pessoas.

- Isso não faz o menor sentido.  
- Pois é... Conversar com a televisão... Que burros!

Não foi a primeira vez que fingiram ir para a escola e se meteram em enrascadas. Mas nunca abusaram tanto da boa fé dos pais e avós. Emanuel não precisou de muito para ser convencido. Mesmo que nenhum alienígena (ou seja lá o que for) aparecesse para dar uma animada na quinta-feira (sempre a maldita quinta-feira!), a aventura da carona já valeria a pena. Alberto contou com detalhes os episódios dos últimos dias, culminando com o conteúdo do bilhete no envelope azul:

**ADULTOS: S. CRIANÇAS: J. NOVO NÚCLEO: ESCOLA A. J.C./J.C./C.G.S./PARANÁ/**

Na noite que precedeu a viagem, examinaram a lista telefônica de Campina Grande do Sul que Emanuel guardava entre suas milhares de bugigangas (“eu não disse que um dia serviria?”). Só uma escolha encaixava naquelas iniciais: Antonio José de Carvalho. Especialmente porque fica em um bairro que se chama Jardim Ceccon... JC!

Na manhã seguida, armados de mochilas que continham até uma inexplicável lanterna e uma bússola que nenhum dos dois sabia usar, Alberto e Emanuel pegaram o ônibus para a vila Borsato, em Ponta Grossa, desceram no último ponto e andaram meio quilômetro até o posto de gasolina onde muitos caminhoneiros gastavam alguns minutos tomando chimarrão. “Vocês deveriam estar na escola!” disse um deles, “como pode dois piás de dez anos arriscando a vida assim numa rodovia?” Mas, no fundo, ficou comovido com o espírito desbravador dos meninos e aceitou levá-los ao destino. Seu caminho era a BR 116. Seguiu para São Paulo.

Algumas horas depois, Alberto e Emanuel desceram no trevo de entrada para Campina. “A gente tem que arrumar uma carona para voltar, no máximo, às cinco da tarde...”, repetia Emanuel. Perguntaram num posto onde era o tal Jardim Ceccon e calcularam que dava para ir a pé. Meia hora depois, perceberam que era mais longe do que imaginavam.

“Se a quem ônibus por aqui?”, falou Alberto meio que para si mesmo. Emanuel apontou uma construção abandonada, coberta de pichações. “Bom, se aquele é o ponto de ônibus...”. Foi quando perceberam, quase ao mesmo tempo, que um carro os seguia. Um Gol bordô. Apuraram o passo. O veículo acelerou e, antes que pudessem correr, passou deles e os cercou, parando em uma nuvem de poeira. Os garotos paralisaram. Do meio do pó, saiu um rapaz alto, usando rabo-de-cavalo, com um envelope azul em cada mão.

- Esperem!

Alberto então o reconheceu: Daniel, o misterioso homem de voz esganiçada que se passou por repórter, lá em Ponta Grossa. O sujeito que sabe dos lagartos! Rapidamente, ele tocou o ombro dos dois e levou-os, em atitude sorrateira, à sombra da estação de ônibus abandonada. Emanuel estava apavorado. “É o cara que foi na escola”, cochichou Alberto.

- Não deveriam ter vindo. É o dia que o filhote maldito é alimentado. Mas agora que estão aqui... Guardem esses envelopes.

Cada um segurou o seu. As letras A. e E. estavam escritas a mão no espaço para o destinatário.

- Além das iniciais do nome, há um outro jeito de descobrir se eles estão dentro das pessoas... - Eles quem?, voltou a perguntar Alberto.

- O cérebro deles é avançado para muitas coisas, mas não entendem lógica, pelo menos não do jeito que nós entendemos. - Eles quem? Como você chegou aqui? Como nos achou? Por quê? - Então vocês precisam fazer armadilhas de lógica para confundí-los... Se eles não con-

Diego Lopes

// O tempo escurecera ainda mais e pingos grossos começaram a martelar a pele dos fugitivos.



Diego Lopes

seguirem responder, sigam as instruções do envelope.

- De quem você está falando? Quem é você? Que filhote maldito?

- Uma questão de lógica é a seguinte: Deus pode tudo? Provavelmente, eles responderão que sim. Então, em seguida,

pergunte o seguinte: se Deus pode tudo, então ele pode criar uma pedra tão pesada que ele mesmo não consiga carregar?

Um pouco porque cansou de perguntar, um pouco porque se perdeu tentando decifrar o enigma, Alberto silenciou. Emanuel, tão imerso na confusão que começou a gostar dela, propôs outra coisa:

- Dá uma carona?

Cinco minutos depois, a dupla de aventureiros estava na frente da Escola Antônio José, com uma rua sem pavimentação seguindo adiante e uma porção de mato às costas. Da janela do carro, Daniel deu um último conselho:

- Não deixe "eles" verem esses envelopes. Abram só quando estiverem em total segurança. Voltarei para saber o que vocês descobriram.

Estu miu rua acima, enquanto o céu escurecia repentinamente, anunciando uma tempestade. Foi quando Emanuel e Alberto perceberam que não tinham uma desculpa para entrar na escola, nem mesmo para abordar as pessoas fazendo perguntas sobre "lógica". Parados em frente ao portão, distraídos em um debate sobre qual seria a melhor estratégia de invasão ("Que tal deixar um caqui de madeira gigante

na porta, como presente, e se esconder lá dentro até que nos levem para o pátio?"), demoraram para notar que um garoto observava tudo impassivelmente, colado à grade de entrada. Ao virar o rosto pela primeira vez naquela direção, Alberto sentiu o coração chegar à garganta. O garoto da escola estava estático, observando em silêncio como um animal que prepara um bote para uma presa.

- GARCIA!

Garcia, o garoto que Alberto pensou ter visto sendo deglutido por uma réptil na sala de TV da professora Soraia - ou seja lá o que ela for.

- Cara, pensei que você... E Garcia escancarou a

boca sem emitir som nenhum.

Levantou o braço lentamente apontando na direção dos meninos. De trás dele, surgiu uma mulher com guarda-pó de professora. Emanuel só teve tempo de ver que havia um S... alguma coisa bordado no bolso. Ela também abriu a boca, mas de lá saiu um som estridente, parecido com os ruídos que o lagarto emitira para a televisão, na tarde que Alberto imaginou ter presenciado o fim de Garcia. Sem mais ninguém por perto, a professora grudou a palma das mãos na grade e subiu, como uma lagartixa cruza uma parede, descendo pelo outro lado de ponta-cabeça... Mas, para o horror dos meninos, o pescoço dela girou 180 graus, voltando os olhos, agora totalmente negros e esbugalhados, para frente, para o rosto desesperado de Alberto e Emanuel.

Como nunca na vida, correram com toda a força que tinham... e se embrenharam no mato. Pulando pedras, troncos, atravessando arbustos, chutando o lixo, se arranhando com os galhos, perderam a noção de espaço e direção. O tempo escurecera ainda mais e pingos grossos começaram a martelar a pele dos fugitivos. Emanuel escorregou ao lado de um córrego e deslizou até o leito ralo, coberto de mato. Lá, ficou imóvel, entre dois troncos finos de árvores. "Saia daí!", gritou Alberto, que imediatamente seguiu o rastro de barro. Com o corpo encharcado, sujo de barro, ofegante, não demorou para entender o estado de choque do amigo.

Escondida naquela vala, uma cabra dava os últimos suspiros, expelindo sangue por buracos onde antes ficaram as orelhas e pelo pescoço, marcado pelo que pareciam dentes ou garras afiadas.

A primeira trovoadas desde o início da chuva não seria o suficiente para assustar ainda mais os intrusos. Mas um guincho estridente cortou o ar logo depois. Ao olhar para cima, viram a criatura. Viram o filhote maldito.

Alberto e Emanuel foram até Campina e descobriram que Garcia, ou algo que tomou o corpo de Garcia, estava no Antônio José. Na fuga pelo matagal acabam encarando um personagem que faz parte da história da cidade... e das pobres cabras que atravessaram seu caminho.

A criatura ofegante no alto do barranco era um vulto cuja definição não passava de mero vislumbre a cada raio que cortava o céu. Os olhos vermelhos, enormes, assustavam mais do que o corpo, talvez menor que o dos meninos, mais mirrado, encharcado de chuva e crispado de frio. Mas aqueles olhos lembravam que se tratava de algo vivo, davam personalidade à coisa estancada como um palanque no barro.

Emanuel deve ter sido a primeira pessoa a dizer a palavra que se tornaria muito conhecida dos campinenses nas décadas seguintes. Ele pousou os olhos sobre o animal já morto a seus pés, o sangue lavado e confundido com terra, folhas, papéis em derretimento.

- Chupa-cabras!

Mas o horror era menos explícito do que seria se nominassem o monstro estático logo acima com a descrição que lhes foi sugerida por Daniel duas vezes. Não precisavam muito para entender do que se tratava. Ali estava o "filhote maldito", fruto da relação entre algum deles, sejam quem forem, e alguém de Campina Grande do Sul.

O chupa-cabras, que se aproximava lentamente da dupla, demonstrando tanto medo quanto seus sitiados, parou repentinamente e virou a cabeça em direção ao leste, em direção à escola. De lado, seu crânio parecia mais agudo e puderam perceber um buraco longo, elíptico cruzando a face, talvez uma das narinas. A testa se achatava logo depois dos olhos, desenhada por inúmeros sulcos, como rugas inatas, até atrás das orelhas.

A esquerda, pequena, machucada, escura como se tivesse

## Parte III

queimada, quase grudava na nuca. O chupa-cabras abriu a boca, aparentando desespero, e seus pequenos dentes afiados, dezenas deles, foram ressaltados pela luz dos relâmpagos. E fugiu. Virou-se rapidamente e seguiu na direção oposta, a oeste, deixando para trás um gemido constante, num tom que lembrou a Alberto, por algum motivo, a voz de Daniel.

Correr na direção que causou o sobressalto à criatura não parecia a atitude mais inteligente, dadas as circunstâncias, mas foi justamente o que os dois fizeram. Emanuel calculou que se a professora-lagarta e Aquele-que-um-dia-foi-Garcia estivessem em seus encaixos, já os teriam alcançado. Alberto entendeu automaticamente que o chupa-cabras fugia da mesma coisa que eles e, interpretando o que Daniel dissera antes, chegou à conclusão de que os "pais" da criatura não tinham domínio sobre ela... e a buscavam desesperadamente.

...Talvez porque o bicho revela que eles estão por aí! Emanuel entendeu aquele final de raciocínio como se tivesse ouvido os pensamentos do amigo. Na verdade, era mais ou menos isso. Juntos em todo tipo de encrenca desde os cinco anos, Alberto e Emanuel mal precisavam olhar um para o outro para saber o que estava acontecendo. Essa empatia salvaria a vida de um deles logo a seguir.

No caminho, tentaram organizar as ideias. O que sabiam? Sabiam que eles, talvez alienígenas, usavam o corpo de certas pessoas para esconder a verdadeira identidade. Encontraram uma forma simples de identificar os da sua espécie: tomar a pele de pessoas com nomes que iniciam com determinadas letras. Também sabiam que havia um jeito de

ter certeza: bastava perguntar ao suspeito algo que exigisse um raciocínio lógico complicado.

E os envelopes? Alberto sacou o dele. Percebeu que o bolso da calça jeans não o protegeu da chuva. Mesmo assim o conteúdo era facilmente decifrável. Emanuel perdeu, provavelmente quando escorregou na valeta onde agonizava a cabra. No de Alberto, as primeiras linhas eram as já conhecidas. O complemento é que pareceu incompreensível... Ao menos nos primeiros minutos.

**Adultos: S.  
Crianças: J.  
Conexão: B. M. 0-G.A-B E R  
ARTES 4B-P1 09 P. 88**

"E o meu envelope?", lamentou Emanuel. "Talvez nele esteja alguma informação que complete esses números e letras!"

Mas voltar agora para procurar estava fora de cogitação. O tempo passava, algo estranho rondava aquela porção de mata e a chuva já deveria ter feito estrago irreversível na carta endereçada ao garoto. À porta do Antônio José, a dupla não titubeou. Ponderou que os possesores não poderiam fazer nada contra eles, sob risco de serem desmascarados em público. Mesmo tremendo de medo, atravessaram o portão e enfrentaram os corredores e o pátio logo a seguir.

Demorou para alguém abordá-los. Nem sinal da mulher-lagarta ou Garcia. Nesse tempo, Alberto e Emanuel prestaram atenção em todas as atividades à volta. Na secretaria, uma moça cortava um envelope comum com uma faca um pouco grande demais para a tarefa. Pela porta aberta do que parecia ser a sala dos professores, uma senhora de guarda-pó dividia um bolo com uma faca igualzinha àquela que viram segundos antes. Perto de um bebedouro, um rapaz que deveria ser o bedel, com dezenas de chaves penduradas na cinta, desenhava um fio de luz solto com... outra faca inapropriadamente grande!

Alberto e Emanuel memorizaram a forma do objeto, que estava mais para uma arma do que para um inocente utensílio de cozinha. Na verdade, parecia mesmo uma espada, estilizada, com a ponta ligeiramente triangular.

- Vocês não deveriam estar na sala?

A voz veio lá do fundo do corredor. Hora de inventar alguma coisa. Os meninos se viraram e Alberto disse:

- Ah, nós somos alunos da professora... Severina... é, Severina. E como é o primeiro dia, nós perdemos a sala!

Emanuel quase deu um tapa na própria testa: que desculpa esfarrapada! De onde ele tirou esse nome? Com tantas "Marias", "Anas" no mundo... Mas a mulher, que saíra das sombras equilibrando quatro ou cinco livros, sorriu:

- Ah, a professora Severina, que começou hoje, né? Eu levo vocês até ali.

Mais sorte do que juízo, pensou Emanuel, que se ofereceu para carregar os livros.

- É uma pena que o professor Rodolfo tenha saído por motivo tão estranho... Mas tenho certeza que a professora Severina se dará muito bem aqui na escola.

- O que aconteceu ao professor Rodolfo?, perguntou Emanuel em gaguejo, ainda um tanto absorto nos detalhes de cada livro que tinha em mãos. A resposta veio em sussurro, como um segredo:

- Ah, não saíam falando por aí, mas ele cismou que tem um pote de ouro enterrado na casa

dele, lá no Barro Branco. Ficamos três meses sem professor e ele não apareceu mais, nem para pegar as coisas...

Os meninos ainda não tinham se desligado da curiosa história do professor desertor, quando a anfitriã abriu a porta de uma sala de aula e pediu licença. Os meninos silenciaram por segundos. A professora que estava lá dentro sorriu amavelmente em direção à porta. Nas suas mãos, uma faca (ou espada) que ela mostrava para a turma. Mas ela não se chamava Severina. Os dois conheciam muito bem a mulher à frente. Era Soraia, a professora que pensavam ter ficado em Ponta Grossa. Eles poderiam correr, fingir que estava tudo bem. Fazer qualquer coisa. Mas a única ideia que ocorreu a Emanuel foi virar para Alberto e dizer o seguinte:

- Eu sei o que são esses dados no bilhete dentro do seu envelope...

- Como é? Por quê...

- É a referência de um livro na estante de ARTES de alguma biblioteca. B.M. deve significar Biblioteca Municipal. É algo que está na página 88! Antes que pudessem pensar no que aquilo significava, "Severina" pediu que sentassem nos únicos dois lugares disponíveis, justamente nas últimas carteiras, ao lado de um garoto soturno e velho conhecido da dupla pontagrossense.

- E aí, Garcia?, saudou Alberto. Lagartando aí atrás?



Afonso Campos Rocha

Aí estão Emanuel e Alberto praticamente cercados. Ao lado, Jair Garcia com seu rosto impávido, olheiras que parecem pintadas e os olhos fixos na nuca do próximo colega de fila, mantém as mãos pousadas num livro grande, marrom. Lá na frente, a professora-lagarto Soraia-Severina está falando monocordicamente sobre como os antigos sacrificavam os inimigos. “Tema meio pesado para a quinta série”, pensa Alberto, incomodado. Com medo, mas no fundo se divertindo com a situação absurda, Emanuel levanta a mão.

- Professora, eu tenho uma pergunta...

Alberto já sabia qual era a “dúvida” e considerou que não era hora de provocar os monstros. “Não, não, não!”, sussurrou para o amigo, inutilmente. Soraia-Severina parou de falar, virou a cabeça na direção de Emanuel e, com um gesto, autorizou a pergunta. “Não! Não faça isso!”, Alberto implorava num fio de voz.

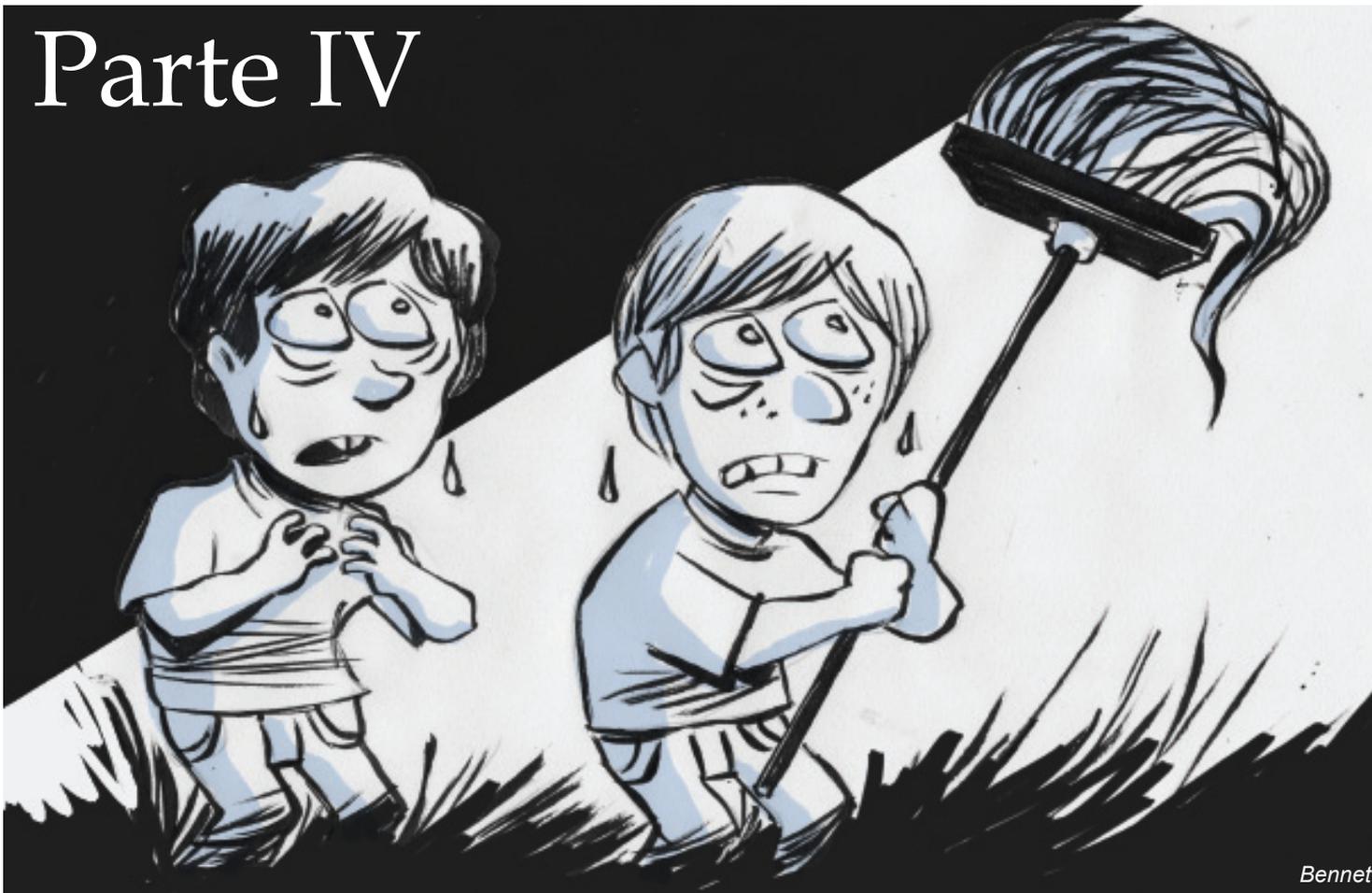
- Professora, Deus pode tudo? “Droga, eu sabia...”, lamentou Alberto. A professora ficou em silêncio por cinco segundos, abrindo tanto os olhos que dava a impressão que o globo ocular iria saltar.

- Sim, Deus pode tudo! Emanuel sorriu, embora sentisse que a coisa iria acabar mal. Deu um suspiro, largou o corpo na cadeira e, batendo com a ponta do lápis num estojo de madeira (a única coisa que ganhou num sorteio em toda a sua vida), emendou...

- Então, se Ele pode tudo, Ele pode criar uma pedra tão pesada que nem Ele mesmo possa carregar?

Alberto afundou a cabeça na carteira, protegendo-a com os braços, como se uma avalanche estivesse prestes a soterrá-lo. Soraia-Severina fez um leve sinal de contrariedade, como um tique, e franziu o cenho, formando duas linhas verticais muito longas na testa. Mas respondeu:

- Claro! Emanuel e Alberto, que levantaram abruptamente depois da última resposta, não conseguiram disfarçar a surpresa e - e por que não? - decepção. Alberto disse, entredentes: “Ela não tem um problema de lógica. É burra,



Bennet

mesmo...” Emanuel deveria se dar por satisfeito: a mulher é desqualificada, mas, fora isso, inofensiva. Se fosse um lagarto-alienígena, teria pirado - pelo menos é o que Daniel lhes dissera. Deveria ter se acalmado, mas nunca podemos esperar que Emanuel escape de uma confusão.

- Professora... se há uma pedra que Ele não consegue levantar, é sinal que Ele não pode tudo... Soraia-Severina se virou para o quadro verdeado, como se não tivesse ouvido, pegou o apagador e começou a passar na lousa. Alberto levantou e disse:

- Posso ir ao banheiro? Ela não respondeu. Por algum motivo, ele entendeu que sim e saiu rapidinho, fazendo o sinal que havia combinado com Emanuel meses atrás: fechar o punho e levantar o dedo mindinho. Era um sinal tão secreto que, para falar a verdade, nenhum dos dois conseguia lembrar o que significava. Mas é tão legal ter esses códigos!

Mal fechou a porta, Alberto se tocou do motivo pelo qual Emanuel não respondera ao sinal, ficando estático, com os olhos vidrados na professora. NÃO TINHA NADA ESCRITO NA LOUSA! Abriu uma fresta

novamente e o que enxergou fez seu coração disparar. Soraia-Severina, virada contra o quadro, esfregando compulsivamente o apagador na superfície lisa, com o rosto fora da vista dos atônitos alunos, mexia os olhos para todas as direções, cada um deles num movimento diferente, e um líquido preto, grosso, escorria do seu nariz, contornando primeiro os lábios e, no canto da boca, se misturando com bolhas de saliva amarelada. Em choque, Alberto teve tempo de ver, antes de correr, a longa língua bipartida projetar-se até o queixo da “professora” e limpar, minuciosamente, a gosma viscosa que tomava conta de seu rosto. Daniel estava certo: um problema de lógica denuncia os invasores!

Dois minutos depois, ele estava encostado no lado de fora da parede, embaixo da janela, tentando ouvir o que estava acontecendo. Estranhou que tudo parecesse tão normal. Levantou a cabeça e, no pequeno espaço entre as cortinas, conseguiu ver a professora-lagarto, em sua aparência humana, voltando a mostrar a faca e explicar rituais de vingança antigos. Prestou atenção em Emanuel, que continuava parado, atento, clara-

mente assustado. Mas, antes de sair da tocaia, passou os olhos por Garcia e pelo livro sobre sua carteira. A lombada estava virada para a janela. Se forçasse os olhos, conseguiria ler.... A mochila! Alberto lembrou que, além de uma bússola inútil, haviam trazido um binóculo de plástico, bem vagabundo, quase de brinquedo... mas que certamente serviria para aquela distância. Pegou o objeto, ajustou o foco e fixou na obra protegida pelos braços do menino-lagarto. Quando finalmente conseguiu ler, sentiu frio na espinha. Então ejetou o envelope azul do bolso, aquele que Daniel lhe dera, e confirmou suas suspeitas. Na lombada do livro havia uma etiqueta com indicação bibliográfica, dessas que servem para organizar as bibliotecas:

B. M. O-GA-B E R ARTES 4B-PI 09

A mesma indicada como “conexão” no bilhete dentro do envelope. Nisso, Emanuel percebeu o amigo na janela. Alberto mostrou com os olhos o livro sobre a carteira e agitou o envelope azul na altura do rosto. Emanuel fez sinal que “sim” com a cabeça. E sorriu. Coincidentemente, a

professora chamou Garcia ao quadro. “Desenhe o símbolo do sacrifício”, ela disse. Enquanto ele estava ainda no meio do caminho, Emanuel puxou o volume. Fechou os olhos para lembrar a página... qual era mesmo? Levantou os olhos em direção de Alberto, que imediatamente entendeu e mostrou, com os dedos, duas vezes oito.

Ali, naquela página, duas coisas chamaram a atenção. A primeira, a reprodução de duas pinturas de uma artista chamada Artemisia Gentileschi. Uma delas, com o nome da obra bem destacada: “Judite decapitando Holofernes”. A outra coisa era um bilhete. Dessa vez, o que estava escrito era uma pista bem mais explícita.

Enquanto isso, Alberto se angustiava com a possibilidade de Garcia se virar e ver que Emanuel bisbilhotava o livro. Concentrado, levou um susto quando uma mão tocou seu ombro. Com um salto, se jogou para o lado e caiu aos pés de um garoto mais novo do que ele, que segurava outro envelope azul, molhado, quase esfacelado. Antes que Alberto pudesse dizer qualquer coisa, o menino falou:

- Eles entram pelo pescoço...

O menino usava uniforme do colégio e tinha uns nove anos. O rosto, no entanto, era de alguém mais maduro, sério, até com algumas rugas de expressão. Alberto olhou para o envelope molhado nas mãos do garoto e intuiu que se tratava daquele que Emanuel havia perdido na fuga pelo matagal.

- Seu amigo deixou isso lá. É preciso ter cuidado. Eles não podem saber que nós temos pistas...

- Quem é você?

- Pode me chamar de Fred Macaco. Daniel me matriculou aqui. Eles estão plantando um grupo muito perigoso por causa do filhote...

- O chupa-cabras.  
- Dê o nome que quiser. Mas a criatura não tem culpa. Na verdade, eles querem acabar com ela...

- Daniel disse que

precisam alimentá-lo.

- Ele se enganou. Horas atrás, fui eu que assustei a criatura, para que ela fugisse. Eles querem dar um fim nela porque...

- Porque, se alguém encontrar o chupa-cabras, poderá descobrir que essas coisas estão por aí.

- Exato!

O problema é que os garotos se distraíram conversando e, antes que Alberto perguntasse, mais uma vez, quem ou o quê, afinal, eram eles, Fred Macaco voltou os olhos para a janela da sala de aula e só teve tempo de segurar o braço do colega e dizer "corra!".

A professora, Garcia e praticamente todas as outras crianças estavam de rosto quase colado no vidro, com os olhos parados, a íris enegrecida e dilatada, sem piscar. Essa imobilidade durou poucos segundos, até que Garcia levou a mão à janela. Da ponta de seus dedos saíam hastes que pareciam espinhos. Como acontecera antes, abriu a boca, a princípio sem som algum, e foi seguido por todos os outros. Quando Soraia-Severina escancarou

a sua, projetou a enorme língua escura, de duas pontas, e emitiu um guincho que parecia, aos ouvidos de Alberto, o som de um esmirilho lixando ferro, mas em uma rotação muito mais rápida. Atravessando o portão, o ruído já era de um coral de gemidos sobrenaturais se elevando ao céu como o mais pútrido chorume.

Alberto não esperou para que estivessem longe dali e perguntou o que considerava fundamental:

- Quais professoras são monstros?

Fred Macaco olhou para o parceiro com o jeito de quem tem uma péssima notícia. Porque era:

-Todas.

E não eram só as professoras. A maior parte dos funcionários e quase uma turma inteira de alunos. Mas, e a professora Magda? Samanta

Magda era o nome verdadeiro (que, além de lagarta, pensou Alberto, levou azar até na combinação de nomes). A merendeira Javanilda era, na verdade, Sílvia Javanilda. E assim por diante. Aquela japinha bonita da primeira carteira era Jéssica, mesmo. Ao virarem a esquina, em direção ao Jardim Paulista, deram de cara com Emanuel. Ele estava estático, como se os esperasse. Alberto estranhou:

- Ué? O que você faz aqui? Como escapou?

- Quando vocês chamaram a atenção dos medonhos, eu dei no pé. Peguei isso... Tirou da mochila a mesma faca (ou espada) que a falsa professora mostrava à classe minutos antes.

- Tenho certeza que é isso que eles usam para tomar o corpo dos humanos.

Fred Macaco puxou eles

para um terreno baldio, onde se acomodaram atrás de uma enorme moita de capim. E, retomando o fôlego, concordou:

- É verdade. Inclusive, o material que havia no envelope deixado lá no mato é sobre isso.

- Quem é você, afinal?

Alberto entrevistou:

- Ele é do nosso time... depois explico.

- O envelope que você derubou contém imagens que explicam tudo. Veja.

As fotos dentro do pacote azul estavam empapadas, moles, mas perfeitamente identificáveis. Eram cópias de pinturas muito antigas. "Essas imagens foram pintadas por volta de 1500, 1600... São, na verdade, representações de como eles agem". Os dois pegaram os quatro cartões ilustrados, todos a respeito de mulheres deca-

pitando um homem. Mas não demorou muito para que percebessem um outro elemento quase escondido nos cantos da pintura.

-Esse cara aqui no fundo... Espere! Ele é...

- Não pode ser!

- Pode, sim. É ele mesmo.

Em cada uma daquelas cenas téticas, quase coberto pelas sombras, espreitava a figura inconfundível de Daniel, o mesmo "repórter" que hoje, dia 11 de dezembro de 1986, séculos depois, aparecia na vida daqueles meninos para alertá-los de uma invasão de répteis inteligentes. Fred Macaco percebeu a confusão.

- Vocês têm que entender que isso que está acontecendo não é sobre hoje. Nem mesmo sobre ontem. Nosso desafio é o futuro... Mais precisamente daqui a exatos 25 anos, quando o ciclo se completa...



Afonso Campos Rocha

## Final



Diego Lopes

Fred Macaco não precisava explicar muita coisa. Ou precisava e nem sabia como começar. Para falar a verdade, não havia tempo para detalhes. O que Alberto e Emanuel entenderam bastava. Daniel não era humano. Ele também estava em uma "carcaça", conquistada por um invasor no século 16. Quer dizer...

- Daniel também é um deles? Macaco ficou em silêncio um pouco, olhou para o relógio pela terceira vez, e, num suspiro, respondeu a Emanuel que:

- Assim como tem gente que se arrepende ou que muda de lado, Daniel decidiu ficar com a gente nisso...

Alberto resolveu deixar bem claro o que estava pensando:

- E você...

Mas foi interrompido. Aquele

ruído ferruginoso atravessou o céu novamente. Embora, dessa vez, soasse a Alberto como um besouro azulado arranhando o pote de vidro em que foi sido encarcerado, exatamente do jeito que ouviu anos atrás numa traquinagem de criança. Mas agora era como se fosse amplificado e multiplicado em vários canais, um som que parecia manipulado para causar medo. Era o grito do chupa-cabras! Vinha da escola. Fred Macaco, que agora parecia mudar a voz para um tom mais adulto, segurou os dois companheiros com o braço.

- Vamos esperar alguns minutos. Daí vamos lá!

- Tá louco? Vamos voltar para os lagartos e para o chupa-cabra?

- Confie em mim.

Dez minutos depois, os três

saíram do esconderijo e andaram em direção à escola Antônio José. Nas cabeças de Emanuel e Alberto rondavam muitas dúvidas: quem distribuiu os envelopes? Quem ou o que é Fred Macaco? As professoras estão treinando as crianças para tomar o corpo dos humanos com aquelas facas? No fundo, o que causava um formigamento no estômago era a data anunciada pelo estranho garoto que conheceram poucos minutos antes: o que acontecerá daqui a 25 anos, no dia 11 de dezembro de 2011? Ao passarem decididos pelo portão, ainda que trêmulos, estranharam o silêncio que cobria o pátio. Mesmo assim, por algum motivo, os meninos de Ponta Grossa confiavam em Fred Macaco e nem lhes passou

pela cabeça que tudo poderia ser uma armadilha.

Ninguém na escola. Papeis voavam com o vento. Nenhuma pessoa na secretaria. No chão da sala em que os meninos passaram alguns minutos fingindo serem alunos, a faca exibida por Soraia-Severina jazia sobre a mesa. Restos de baba, manchas escuras e pelos escuros espalhados perto da porta indicavam que o chupa-cabras estivera ali. Será que a criatura devorou a professora e as crianças? O que chamou mais a atenção, no entanto, foi que em toda carteira havia um envelope azul, igualzinho aos que foram entregues por Daniel a Alberto e Emanuel. Dentro de cada um havia um bilhete em que se lia

PENSAMENTO CRÍTICO  
TOLERÂNCIA  
CRIATIVIDADE.

#### QUASE 25 ANOS DEPOIS...

Emanuel arrumou uma desculpa para voltar a Campina Grande do Sul. Seria a segunda vez, adulto, que enfrentaria os fantasmas do passado. Numa delas foi literalmente um fantasma, lá na escola do bairro Terra Boa. Agora tinha a ver, quem sabe, com alienígenas tomando aos poucos o corpo das pessoas. Alienígenas que preferem escolas, professoras e alunos, porque não querem apenas tomar as coisas do mundo: querem difundir suas ideias, convencer as pessoas de que os interesses dos lagartos devem ser prioridade. O que ele descobriria depois é que não se tratavam de seres de outro planeta. Era algo bem pior que isso. A desculpa era promover uma exposição de desenhos do Alberto, para celebrar a memória do amigo. No fim, aquela pasta lotada de ilustrações originais, a maioria sobre seres sobrenaturais, nunca deixou o porta-malas do carro. Antes de chegar à escola percebeu o vulto de um homem alto, parado em frente ao terminal de ônibus ainda abandonado do Jardim Ceccon.

Nem precisou esperar o corpo ganhar definição com a diminuição da distância para identificar o parceiro. Parou do lado do homem, que mantinha exatamente as mesmas feições de 25 anos atrás, o mesmo rabo

de cavalo, a camiseta preta e, como perceberia poucos minutos depois, o mesmo tom agudo de voz. Ele entrou no carro sem dizer nada e apontou com o polegar para o lado oposto da rua. Emanuel entendeu e deu meia volta. Minutos depois, guiado apenas por sinais com a cabeça e as mãos, Emanuel estacionou em frente à biblioteca municipal de Campina Grande do Sul. Antes de sair, checou o calendário em seu celular. Dia 5 de dezembro de 2011, segunda-feira. Faltavam apenas seis dias para o misterioso evento previsto séculos atrás. Daniel, ao lado dele, permanecia calado.

Entraram na biblioteca. A única funcionária do acervo levantou os olhos de um livro aberto sobre a mesa. Sussurrou algo como "sssstrezardjazzzzzzz". Daniel respondeu: "sssssccra-pjadzzzzzzz". Levantou, foi até a porta e a trancou. "Venham".

No fim do primeiro corredor, entre livros antigos e quinquilharias, a mulher retirou uma obra azulada da estante e encostou a lombada na altura da terceira prateleira. De repente, Emanuel percebeu que o chão se moveu... Começou a baixar, como um elevador, levando os três para algum lugar no porão.

A única iluminação da sala subterrânea era uma lâmpada de 60 volts, mas era suficiente para mostrar os outros dois participantes da reunião que iria começar: Fred Macaco e um rapaz mais baixo, de boné e óculos, camiseta e calça jeans. "Este é o Galo", apresentou Fred Macaco, "mas aqui na cidade chamam ele de Brayan. Trabalha com o Daniel".

- Bom, senhores, estamos aqui para decidir o que fazer no domingo, dia 11, quando o ciclo se completa.

A voz de Daniel continuava a mesma, aguda no início das palavras, como quando dizia do-mingo.

- Amanhã, três alunos da Escola Antônio José descobrirão as pistas de como tudo isso está acontecendo. Deixei instruções entre as páginas de alguns livros. Galo virá aqui durante uma visita da turma de quarta série para registrar os rostos de cada uma das crianças.

- Pra que?, perguntou Emanuel.

- Elas terão uma missão importante... O chupa-cabras consumiu com quase todos os 65 invasores do Antônio José naquela quinta-feira, em 11 de dezembro de 1986. Quase todos...

Fred Macaco entendeu que era melhor explicar claramente.

- Algumas dessas "crianças", tomadas por eles, haviam faltado aula naquele dia. Essas continuaram normalmente no ano seguinte. Invasores, disfarçados de altos funcionários da prefeitura, sabiam do que estava acontecendo e montaram uma mega-operação para esconder. Arrumaram outros professores, transferiram alunos de outras escolas. E como eram os últimos dias de aula, tudo acabou ocultado pelos invasores.

Galo continuou:

- Alguns desses que escaparam se esconderam e, anos depois, tomaram o corpo de adultos. Começaram a se passar por professores, pastores, políticos, apresentadores de TV e até cantores sertanejos... E agora estão por aí, convencendo as pessoas que são bons, que são honestos, que são legais. No fundo, a conversa deles é para preparar a dominação. Eles querem tirar a liberdade de pensamento, que é o que protege o mundo da maldade e do egoísmo. Eles vão falar mal da ciência, que é a verdadeira ferramenta que a humanidade tem para evoluir. Daniel e Fred Macaco então explicaram o significado de domingo, dia 11 de dezembro. A escola está localizada exatamente no ponto onde, milhares de anos antes, eles vieram à Terra pela primeira vez. Os líderes marcaram a data para avaliar se os humanos teriam evoluído o suficiente para evitar a invasão. Emanuel perguntou o que significava "evoluído". Daniel respondeu:

- Significa que o homem é capaz de ser tolerante com quem é diferente, seja na cor, na idade ou na identidade sexual, respeitar a natureza, ser honesto até nas menores coisas e lutar para que todo mundo seja feliz. Significa duvidar de tudo e gostar do que é complicado, desafiador, fora do normal... A pior coisa para a alma das pessoas é fazer o que os outros dizem só porque está escrito em algum lugar ou



alguma autoridade disse... Ou se contentar com o que é fácil e previsível. O cérebro de quem vive assim morre.

Emanuel pensou naquele momento que, se dependesse disso, o mundo estaria perdido. Ele sabe que os adolescentes passam mais tempo nas redes sociais e no telefone do que lendo ou conversando ou praticando esportes. Sabe que cada vez mais os adultos convencem as crianças a acreditar em um monte de coisas sem questionar. Percebe que quase ninguém está disposto a prestar atenção em músicas, obras de arte, filmes, livros diferentes...

Mesmo assim, ele apostou no plano do grupo. No dia seguinte, 6 de dezembro, Galo deixou a casa onde mora, reformada para parecer abandonada, pertinho da biblioteca, e foi fotografar os alunos que visitariam os livros, acompanhados de duas professoras, que na verdade são invasores renegados e recrutados pela causa dos humanos. Galo não poderia se afastar muito tempo da casa: a principal função dele, há pelo menos dez anos, é manter o chupa-cabras no porão. Nas poucas vezes que a criatura escapou, animais da região foram encontrados mortos, sem orelhas e com o pescoço despedaçado. Na biblioteca, conferiu se Rafaela, Joacir e Nicolás descobririam as pistas escondidas pela equipe de resistência. Duas foram encontradas. Uma delas ficou perdida no meio dos livros. No início da madrugada de domingo, Emanuel, Daniel, Fred e Galo pularam o muro da Antônio José. Checaram cada porta, cada janela. Nada, ninguém. Até que Emanuel viu aquela que desde criança

passou a assombrar sua vida... Aquela que teve, no começo do século 21, um encontro terrível com Alberto: Soraia, também conhecida como Severina.

- Só estou aqui porque sabia que vocês viriam.

Os quatro ficaram em silêncio. Soraia-Severina encostou o corpo estranhamente envelhecido na parede. Acendeu um cigarro, olhou para fora, assoprou a fumaça formando desenhos indistintos no ar. E disse:

- Os colegas traidores aqui presentes sabem que obedecemos a três princípios: Superficialidade, Preconceito e Preguiça Mental. São por eles que estamos lutando pois descobrimos que não há arma mais eficaz para destruir o inimigo do que implantar uma cultura baseada neles. Olhem ao seu redor, pensem nos seus alunos. Veja se não vencemos! Era difícil discordar, pensou Emanuel. Essa geração parecia perdida. Ele mesmo, que tinha se tornado professor, sentia uma profunda desesperança. Soraia continuou:

- Nossa reunião, agendada há milhares de anos, não é outra que não essa. Estava previsto que eu, líder terrena daqueles que vocês chamam de demônios, encontraria Daniel, Fred Macaco e Galo para anunciar o processo irreversível de preguiça, superficialidade e preconceito que tomaria conta até dessas crianças, dessa escola, destinadas a salvar o mundo... Vocês estão aqui para admitir que essa geração finalmente fracassou. Enquanto tomamos a todos, os alunos do Antônio José estão preocupadas com facebook, orkut, mensagens de celular, música comercial, fundamentalismo religioso, em praticar crueldade uns com os

outros.

Daniel perdeu a calma que parecia inseparável de seu discurso: - Nós podemos ensinar. Nós tivemos prova disso na terça-feira, quando duas das nossas levaram os alunos para a biblioteca. Você não viu os alunos debruçados nos jornais, lendo histórias, aprendendo sobre arte, literatura...

- Ahahaha! Percebe que vocês tiraram deles o que é mais importante? Tiraram a autonomia? Com esses envelopes ridículos, cheio de instruções... Haveria esperança para os humanos se eles tomassem as decisões sozinhos. Eu sei o que vocês vieram fazer aqui hoje. Vão deixar envelopes com pedidos desesperados, manuais de como proceder... Ou seja, as crianças não passam de marionetes dos professores, dos líderes religiosos, dos políticos, de demônios renegados como vocês são... Sem pensamento próprio, não há liberdade!

Os quatro ouvintes estavam paralizados, incapazes de reagir. Por mais que tentasse, Emanuel não conseguia argumentar. Ele sabe que, 25 anos atrás, foi uma criança curiosa, corajosa, que venceu o medo, que adotou a aventura, que foi amigo leal e tolerante... E nem era diferente da maioria das outras crianças que conhecia, todas interessadas por arte, por conhecimento. Poderia dizer a mesma coisa das crianças de hoje? Parecia tudo perdido...

Daniel, como se estivesse ouvindo os pensamentos do amigo, apertou-lhe o ombro e fez um sinal de consolo com a cabeça. O demônio Soraia-Severina apenas sorriu e deu as costas ao grupo. Andou devagar

em direção às sombras e sumiu. Fred Macaco disse as últimas palavras da noite e em seguida fizeram o que precisava ser feito.

- Animem-se, amigos. Basta que se coloque em jogo Pensamento Crítico, Tolerância e Curiosidade. A liberdade virá.

12 DE DEZEMBRO DE 2011

Na segunda-feira, dezenas de crianças da quarta série chegaram para a última semana de aulas no Antônio José. No ano que vem, cada uma seguirá sua vida em outros colégios, com outros professores e outros colegas. Ao entrarem na sala de aula, encontraram um envelope azul para cada um sobre as mesas. Dentro deles, não havia nada. Rafaela, Joacir e Nicolás foram os primeiros a sentir a frustração. Esperavam tanto que houvessem respostas ali... Joacir, convicto de que os invasores eram alienígenas, talvez jamais descobrisse que, na verdade, aquelas criaturas eram os demônios da mediocridade, presentes no nosso cotidiano mas, na maioria das vezes, invisíveis! Rafaela quase gritou: "quero a solução para isso!" Nicolás, na verdade, esperava alguma cena sangrenta, com pedaços de lagarto para todo lado. Mas o incômodo durou pouco tempo. Todos sentiram o que era para fazer. Uma dos alunos arrancou uma folha do caderno e começou a escrever. Outro percebeu e passou a fazer a mesma coisa. Em poucos minutos, todos estavam preenchendo os envelopes com intensas redações escritas quase por impulso.

Cada um dos envelopes abrigaria os sonhos, os planos, as memórias dos melhores momentos da vida na escola, detalhes que fazem de cada criança do Antônio José um herói na luta constante contra a preguiça mental, o preconceito e a superficialidade. Essas dezenas de redações seriam as verdadeiras instruções para que o mundo escape da mediocridade.

Emanuel, àquela altura dirigindo de volta para a casa, percebeu pelo espelho do carro que estava sorrindo. Era um sorriso de profunda esperança.

- |                    |                          |
|--------------------|--------------------------|
| Administração      | Jornalismo               |
| Biomedicina        | Nutrição                 |
| Ciências Contábeis | Pedagogia                |
| Design             | Psicologia               |
| Direito            | Publicidade e Propaganda |
| Educação Física    | Relações Públicas        |
| Enfermagem         | Secretariado Executivo   |
| Farmácia           | Serviço Social           |
| Fisioterapia       | Sistemas de Informação   |



As grandes  
 escolhas da sua vida  
 começam aqui.



**UNIBRASIL**

GRUPO  
 EDUCACIONAL  
 INTEGRADAS  
 DO BRASIL



As Faculdades Integradas do Brasil oferecem a você uma das melhores e maiores estruturas de ensino superior do País: campi com 100 mil metros quadrados, facilidades, estacionamento, novas e modernas instalações, biblioteca com mais de 50 mil volumes, 10 cursos de graduação e também pós-graduação e mestrado.

**Vestibular agendado**

**Inscrições abertas**

[www.unibrasil.com.br](http://www.unibrasil.com.br) | 41 3381-4040

Provas:  
 terças,  
 quartas,  
 quintas ou  
 sextas-feiras